

Pela estrada larga:

*O Livreiro Fernando Fernandes
e as memórias duma geração*

Junho de 2003

*A pé e de alma descuidadosa vou tomar pela estrada larga:
Sadio, independente com o mundo inteiro diante de mim,
Com o longo brilho alvacento diante de mim, levando-me
aonde quer que eu sonhe.¹*

O Livreiro Fernando Fernandes é um homem de afectos. Vive e trabalha no Porto, cidade debruçada sobre o rio Douro. Apesar de reformado não consegue deixar os seus livros. Sente falta da letras impressas, das ilustrações e da companhia dos leitores que em gestos enraizados o continuam a procurar na Livraria Leitura, à rua de Ceuta.

Marcamos um encontro para uma manhã de sábado na “sua” Livraria. O inverno teimava em afirmar-se por dentro dessa manhã primaveril. O céu cinzento despejava uma chuva rala sobre a cidade. Nestes dias o Porto fica pesado. Uma cor plúmbea esmaga-nos sobre as pedras negras da calçada. O granito negro dos beirais ameaçam ruir sob o peso do ar. A alma peregrina encontra refúgio dentro do casario. Um café aqui, uma livraria acolá. Uma merceira com as suas frescas frutas expostas, num ritmo duma cidade acolhedora.

A Livraria Leitura é na história dos livros no Porto um local de centralidade incontronável. A Rua de Ceuta debruçada sobre a Avenida dos Aliados é praticamente no centro do Porto. À sua volta,

¹ Walt Withman, in “Canção da Estrada Larga” Lisboa, Seara Nova 1947, tradução de Luís Cardim.

Em Dezembro de 2002, Arnaldo Saraiva publica nos Cadernos de Serrúbia n.º 4/5 um inquérito a várias personalidades sobre qual o poema que, por qualquer razão, reteve na memória. Fernandes escolheu este poema, que havia lido com cerca de 14 ou 15 anos. Segundo o seu testemunho esse poema foi várias vezes relido ao longo da sua vida. A nós vai-nos acompanhar nesse percurso.

beneficiando da proximidade da universidade na Cedofeita, cresceram inúmeras lojas de venda de livros.

Ainda hoje quem passeie nas suas ruas, encontra um sem número de montras de livros. As livrarias mais antigas com os livros amontoados, outras, as livrarias mais recentes de montra renovada, apelando a uma estética mais minimalista, jogando com as cores das capas, os autores e o publico que pretende cativar. As novas livrarias cabe-lhes procurar novos públicos e novas formas de estar no negócio livreiro, já que as livrarias mais antigas tem o publico mais fidelizado.

Fernando Fernandes conhece como poucos essa história dos últimos 50 anos. Muitos dos jovens livreiros de hoje passaram pela “escola” da sua livraria. Aí se formaram na arte de vender livros. Aí muitos aprenderam o livro é mais do que um objecto e que transporta dentro de si o sonho de cada um: Do autor e do leitor. Aprenderam com o exemplo de Fernando Fernandes que o livreiro medeia o acesso a esse sonho, e, mais do que isso, aprenderam a concretizar os seus próprios sonhos através do livro.

Fernando Fernandes continua a ir, com regularidade diária à “sua” livraria e a receber os “seus” clientes. E não são poucos aqueles que o continuam a visitar regularmente. O seu saber sobre o que foi publicado, em Portugal ou noutra local, é precioso e para muitos indispensável.

Fernando Fernandes é um guardião de livros. Ao longo dos sucessivos anos de contacto e manipulação com o objecto impresso, o livro já não lhe trás segredos. Ele é como que uma livraria viva, uma grandiosa base de dados que arquiva minuciosamente a informação. Basta uma pergunta: - O que é que têm sobre isto? E Fernando

Fernandes semicerra os olhos. consulta a sua memória e, instantaneamente, centenas de informações começam a produzir sentido. é apenas o início de um poderoso processo de catalisação de busca de conhecimento e saber. Uma reacção de efeitos imprevisíveis para o leitor.

Para quem não consegue viver sem a leitura, Fernando Fernandes traça caminhos e sugere pistas para explorar a experiência do saber. O papel de Fernando Fernandes para o leitor é, por analogia, o de um tutor de leituras. Ele orienta e aconselha um percurso. A decisão é depois do leitor consigo mesmo. Um compromisso que cada um toma consigo mesmo.

Fernando Fernandes pertence a uma categoria de homens que nos dias que correm é uma espécie em vias de extinção: os dos **Livreiros**. Não que estejam para desaparecer os empregados das livrarias, mas sim porque a evolução do mercado do livro tem descurado a formação dos profissionais do livro.

Hoje as funções dum livreiro tendem a ser substituídas pelo “top dos livros” expostas em qualquer supermercado ou por secções especializadas em alguns jornais ou revistas. A economia de mercado tem destas coisas. Substitui-se o trabalho especializado por listas especializadas cozinhadas num qualquer gabinete por um burocrata uniformizado no seu fato cinzento, engravatado, onde os óculos escuros medeiam o olhar sobre a realidade e a brilhantina marca o ritmo. Sabe fazer contas. Multiplica o numero de livros vendidos vezes a sua comissão.

Contra os moinhos de vento, como se sabe desde os tempos de Dom Quixote de La Mancha não vale a pena insurgirmo-nos. Mas valerá a

pena perguntar, no meio de tudo isto qual é o lugar da relação humana na troca do livro. Ao substituir-se o Livreiro, que todos os dias contacta com o leitor, tende a desaparecer uma importante fonte de informação entre o editor e o mercado e entre os leitores e os editores: O precioso Graal que identifica a arte de fazer e divulgar o livro. É essa a magia que Fernando Fernandes continua a cultivar.

Nascido em 1934 em Águeda, a família instala-se em 1941 numa cidade do Porto. O pai comerciante e viajante, deixa-o órfão aos sete anos. O sexto e último filho do casal frequentava então a escola das primeiras letras em Aveiro.

A memória dos livros sobrevem no entanto desde os mais tenros anos, quando, ao colo de sua mãe, ouvia as histórias do então muito conhecido Campos Monteiro.

O encontro com o mundo dos livros deu-se, por feliz coincidência, através do convite do seu grande amigo Manuel Camanho, que nos idos de 1952 procurava alguém de confiança para tomar conta da secção de livros da sua papelaria Aviz que em breve iria abrir ao público. Fernando Fernandes não hesita. Em breves dias, com 18 anos inicia a actividade profissional como livreiro a 1 de Abril.

*Doravante não peço mais boa-sorte, eu
próprio sereia a boa sorte,
doravante deixo-me de lamentos, de dilações, não
preciso de coisa alguma,
não mais labutas à porta cerrada, bibliotecas, críticas plangentes
forte e animoso, vou viajas pela estrada larga.*

Não era o seu primeiro emprego, pois a economia familiar debilitada com a ausência do pai obrigava a que todos ajudassem na medida

das suas possibilidades. Mas finalmente encontrara a sua vocação. Vai lançar-se num mundo fascinante e viver tempos inesquecíveis.

Fernando Fernandes já tinha alma de colecionador. Ainda jovem tinha por hábito passar pelas livrarias e assentar num caderno as novidades. Agora passava a fazer isso e ainda por cima era pago. Não sabia era ainda o que é que isso ia desencadear nessa cidade do Porto.

Nos anos cinquenta o Porto era uma cidade profundamente marcada pela economia do rio. As grandes famílias vinhateiras dominavam o tecido social impondo a moralidade. Mas o mundo mexia-se. O pós-guerra havia trazido a todas as cidades portuárias ventos de mudança. No Porto, alargava a sua influência como capital duma região e uma geração inteira preparava-se também ela para mudar as mentalidades .

Nesses anos um homem dava lições no Liceu Rodrigues de Freitas no Porto. Aos seus alunos fazia despertar interrogações. A necessidade de as satisfazer obrigava a procurar resposta nos livros. Oscar Lopes formava uma geração explosiva que não se contentava com a modorrenta certeza das verdades feitas. Propunham-se a intervir culturalmente na sociedade. Dessa intervenção rapidamente se tornará numa *Oposição* ao Estado Novo.

Era uma geração que acreditava profundamente na capacidade de criar um homem novo. Os ingredientes desse homem novo tinham por base a acção cultural. A divulgação da leitura era uma componente deste processo de criação de um mundo novo e esta crença na acção de criação do Homem novo exigia espaços de encontro.

Nos anos 50 a cidade do Porto tornava-se uma cidade cosmopolita. Os cafés eram ponto de encontro e confraternização de animadas tertúlias. Com cada vez mais gente a participar entusiasmadamente as tertúlias agrupavam-se por temas de interesse e motivações pessoais. Algumas destas tertúlias no Porto rapidamente desenvolviam a necessidade de criar uma acção. As suas actividades implicavam criar novos espaços de encontro.

Formaram-se grupos de teatro, cineclubes, galerias de arte e tantas outras associações, que um pouco por toda a cidade, mas com especial incidência no centro, ocupavam espaços e dinamizavam actividades. Com elas criavam-se redes de organizações que transcendiam em muito o âmbito da cidade e atraíam cada vez mais gente ávidas de novidades.

A todas elas era comum uma característica: o de serem formadas por jovens a despertar para o mundo. Os jovens são por natureza entusiastas e rebeldes. Confrontados com a natureza repressiva do regime do Estado Novo, que a todos controlava e tentava moldar no pensamento e na acção, a aversão rapidamente se instala torna-se uma característica comum da actividade destes grupos de acção cultural na cidade.

É neste ambiente de efervescente actividade cultural que Fernando Fernandes vive intensamente os seus primeiros anos de livreiro. Entretanto, em 1953 então com 19 anos Fernando Fernandes adere ao MUD Juvenil.

O MUD Juvenil, era uma extensão para Jovens do Movimento de Unidade Democrática, organização que no pós-guerra corporizava a oposição política ao Regime do Estado Novo.

O MUD foi criado em Outubro de 1945, em Lisboa. Após o final da guerra com a vitória das forças aliadas e o avanço dos regimes democráticos na Europa, a percepção do isolamento internacional do Regime, faziam crer que o colapso do regime autoritário seria inevitável.

As grandes manifestações de rua para celebração do fim da guerra tinham sido campo de várias reivindicações da oposição democrática. Em resposta o Estado Novo levantou algumas restrições ao direito de associação o que criou à Oposição democrática uma certa ilusão de liberalização do regime. Esse optimismo na evolução do regime tinha sido, de resto, reforçado pela decisão de dissolver a Assembleia Nacional e convocar eleições. Simultaneamente foram revistas as leis eleitorais, fazendo-se correr a informação que seria permitida a eleição de deputados da oposição.

Foi nesse ambiente que se constitui o MUD, agregando várias correntes de opinião que constituía a "oposição" e optando por uma actividade legal, portanto excluindo a acção revolucionária e subversiva. Como agenda política vai reivindicar o direito à liberdade de reunião e de associação e de imprensa, ao mesmo tempo que exigia garantias para que o acto eleitoral decorresse de forma séria.

O regime contudo não iria tolerar esta "afrenta" e não autoriza a constituição desse Movimento. Não obstante a adesão popular a este movimento foi muito elevada, com vários milhares de assinaturas,

resultado de acções em todo o país, a serem recolhidas e a exigir a legalização do movimento e o adiamento das eleições.

Finalmente o regime proíbe em 28 de Outubro de 1945 a realização de qualquer reunião promovida pelo movimento, ao mesmo tempo que determina a entrega no governo civil de cada distrito as listas de assinaturas de apoio recolhidas. Por exemplo, no Porto, a comissão local recusa a entrega dessas listas, sofrendo os seus membros a prisão por motivo dessa desobediência.

O braço de ferro com o regime continuará até Janeiro de 1948, quando perante a proximidade das eleições presidenciais o MUD será ilegalizado. Pelo caminho ficará a marca da prepotência do regime, com a prisão de vários membros do MUD.

Entretanto em, e na sequência do forte apoio popular ao MUD, em Abril de 1946, Mário Soares, Salgado Zenha, Octávio Pato, Júlio Pomar, entre outros, constituirão a organização juvenil do MUD, que procurará mobilizar os jovens para a exigência democrática através de acções específicas. Esta organização será também alvo da perseguição policial. Por exemplo, em 1947 vários dos seus dirigentes são presos e julgados. No entanto, ao contrário da organização dos adultos, o MUD Juvenil não será ilegalizado e poderá prosseguir a sua actividade nos anos seguintes.

O MUD Juvenil encontrará sobretudo na esfera cultural um campo fértil para a consolidação das suas actividades. A realização de encontros (de ar livre ou em salão) de sessões de canto, de teatros e cinema enformarão a génese das tertúlias culturais que se irão desenvolver e das quais Fernando Fernandes participará na cidade do Porto.

Estas actividades do MUD Juvenil, no entanto, nunca serão totalmente aceites pela polícia política que as vigia de perto. O jovem livreiro Fernando Fernandes, em 1955, será ele próprio alvo da fúria persecutório da polícia política e do regime, e passará, 4 meses afastado da sua liberdade e da sua livraria, dos quais 21 dias no tenebroso hospital psiquiátrico Conde de Ferreira. Como ele muitos jovens do país conheceram o cárcere e sentiram de perto a fúria persecutória do regime, na maioria dos casos com funestas consequências no desenvolvimento de promissoras carreiras profissionais.

Preso e encarcerado, valerá ao jovem Fernandes a solidariedade dos seus amigos. Manuel Camanho, o patrão da "Aviz" continua a pagar-lhe o salário e o advogado Alexandre Babo encarrega-se da sua defesa no âmbito de célebre processo dos 52 que, iniciado em Dezembro de 1956 se prolongará por seis meses. Acusado de pertencer a uma organização comunista e a ligação ao movimento pela Paz, Fernandes será ilibado e sairá em liberdade. Os meses de privação contudo já os tinha sofrido na pela e jamais os esqueceria.

De novo em liberdade, o jovem livreiro e os seus amigos regressam às actividades culturais e de divulgação cultural. A secção de livros da Papelaria "Aviz" continua a ser visitada por inúmeros clientes que buscavam nas letras a inspiração para as suas actividades.

Nessa ano de 1957 reunia-se em torno do *Movimento Cultural Convívio* um grupo de jovens colaboradores do *Jornal a Planície*, quinzenário cultural e regionalista, que se publicava em Moura desde Julho de 1952. Era então vulgar os jornais regionais incluírem a colaboração de jovens entusiastas pelas actividades culturais, sobre

as quais escreviam. Era as célebres páginas literárias ou de cineclubes, que com admirável regularidade e persistência foram criando redes de influência por todo o país.

Em 1957 era então director deste Jornal Miguel Serrano e no ano seguinte Domingos Janeiro. Colaboravam neste jornal, por exemplo António Sérgio, Alfredo Margarido, Barahona Fernandes, José Régio, Lourdes Castro ou Ilse Rosa. Vendia-se em Lisboa na Livraria Portugal e editava uma colecção de *cadernos Coordenada - cadernos de Convívio*. Embora regionalista este quinzenário, como inúmeros outros pelo país fora, tinham uma influência muito larga.

O Movimento Cultural Convívio, dinamizado por Afonso Cautela a partir das instalações do Jornal A Planície, no Porto, funcionava no 7º andar do edifício EIO, do arquitecto Rogério de Azevedo, na Praça Filipa de Lencastre. Entre as várias actividades desenvolvidas pelo grupo, sobretudo com o objectivo de criar recursos suplementares para apoiar o pagamento das suas várias despesas, o grupo decide criar nessas instalações uma pequena distribuidora de livros. Eram na maioria dos casos edições de autor bem como a já acima referida colecção coordenada.

Ao virar da esquina encontrava-se a livraria Aviz onde Fernando Fernandes desenvolvia a sua actividade de livreiro. O contacto entre os membros deste grupo, empenhado na divulgação da leitura e o livreiro da Aviz torna-se frequente. Frequente porque Fernandes tinha ou encomendava os livros necessários e porque entre o grupo e o livreiro havia sintonia de ideias.

A relação cimenta-se e as despesas aumentam. Como forma de financiar a actividade o grupo decide alargar a venda de livros e criar

a sua própria livraria, agora para o público em geral. O livreiro Fernando Fernandes é naturalmente a personagem central desse projecto. Um único óbice de que ele trabalhava numa outra livraria. Endereçado o convite, Fernando Fernandes confessa “- foi a decisão mais difícil da minha vida”.

Difícil porque a situação que então vivia o incomodava. A sua actividade no grupo Convívio era directamente concorrencial com a que desenvolvia na Livraria, e em breve a incompatibilidade iria ser notória.

Embora não fosse proprietário da Aviz, ligava-o a Manuel Camanho um grande laço de amizade e pressentia que o que estava a fazer não era completamente correcto. Sair da livraria era também uma “traição” ao amigo que nele sempre se apoiara, e ainda por cima ia abrir uma loja, que pelo menos no âmbito dos livros, era directamente concorrencial com a deste.

Manuel Camanho quando soube das intenções de Fernandes de querer sair, não hesitou em oferecer-lhe sociedade para o manter consigo. Por essa ordem de razões, a resposta ao convite do grupo de amigos tardou largos meses. A hesitação era grande. Trocar a Aviz era trocar um emprego estável e um futuro promissor por um projecto, que como todos os projectos pode ser falível. Mas por fim lá se decidiu a enfrentar o futuro e a arrancar com o movimento “Divulgação”.

*A terra, eis o suficiente;
eu não preciso das constelações nada mais cerca de mim,
eu sei que elas estão muito para bem lá no alto onde estão,
eu sei que elas bastam àqueles que lhe andam cativos.*

Em Junho de 1958 abria ao público a *Livraria Divulgação*. Na esquina da rua de Ceuta n.º 88, com a Rua José Falcão, alguns metros acima da Praça Filipa de Lencastre, num rés-do-chão Comercial mais galeria, arrendado por uma companhia comercial por quotas, com 10 sócios denominada Fernandes, Alegria & CIA. Lda. instala-se Fernandes com uma livraria concebida de raiz, com fundo bibliográfico.

Como o seu próprio nome indica, a Divulgação era um propósito de divulgação cultural. Era um nome que reuniu o consenso das principais preocupações vividas pelos responsáveis da iniciativa.

Uma das primeiras preocupações de Fernandes, com o seu espírito metódico e conhecedor da função do livreiro, é organizar o fundo da livraria e organizar a sua apresentação pública por temas.

Enquanto que na livraria Aviz, era obrigado a organizar os livros por editoras, o que era uma exigência de carácter contabilístico para verificação das vendas por fornecedor, na Divulgação, o que interessava era o objecto Livro. O que ele transmitia: a sua identidade. A secção temática era o novo critério organizacional. Se era literatura portuguesa, lá estavam os autores portugueses, por ordem alfabética. Se eram autores clássicos, lá estavam na secção dos clássicos. Com livraria de fundo que queria ser, Fernando Fernandes organiza todos os meses um Boletim, dando conta, aos vários assinantes das novidades editadas é entradas na sua livraria, organizados por secções temáticas.

Mas a Divulgação não foi só uma livraria. Ela teve também, logo de início, a componente de "galeria" de arte e uma secção de discos. A secção de discos será efémera. Os homens da divulgação não tinham

conhecimento desse ramo do negócio, e a presença musical por via dos aparelhos fonográficos nas famílias do Porto, dessa época, ainda estava longe do fulgor que iria ter a partir dos anos sessenta.

A galeria de "arte" foi uma inovação pouco comum nas livrarias do seu tempo. Uma novidade para a época e para a cidade. Não era contudo uma galeria de venda de arte. Era uma galeria de "divulgação" da arte, dos trabalhos de novos autores, de novos temas de expressão estética. Alias, o principal dinamizador desta galeria foi Jaime Isidoro, ele próprio director da "Academia Dominguez Alvarez". Como se vê, no campo dos princípios éticos, os homens da "Divulgação" não transigiam. Imperava a cooperação.

Na inauguração da "Divulgação-Galeria de Arte", entre 19 e 30 de Junho de 1958, foi exposta uma "colectiva de Pintura e desenho". Estiveram presentes 15 obras, na maioria de casos provenientes de colecções particulares. Nela estavam presentes vários nomes das belas artes: Amadeu de Sousa Cardoso, Almada Negreiros, Carlos Botelho, Dórdio Gomes, Armando Basto, Domingos Alvarez, Eduardo Viana, Júlio Resende, Dórdio Gomes, Manuel Ribeiro de Pavia, Mário Eloy, Vieira da Silva. O catálogo da exposição era acompanhado duma reprodução de uma policromia de Amadeu de Sousa Cardoso

Escrevia-se então no catálogo: " Porque pensamos que à difusão do gosto pelas artes plásticas, e portanto à defesa dos nossos valores artísticos, uma das medidas mais consequentes e frutuosas seria a multiplicação, por toda a parte, de galerias de arte apropriadas, logo nos propusemos a guardar um cantinho da nossa casa para o efeito".

Depois dessa exposição várias outras foram organizadas e muitos outros autores passariam pela Divulgação. As exposições não eram

apenas de pintura. Outras artes plásticas e formas de expressão artística também terão lugar na galeria. Entre várias ficará célebre a exposição de cerâmica de Barcelos de Rosa Ramalho, então desconhecida do grande público, organizada por António Quadros, a exposição de fotografia sobre Lisboa, de Victor Palla e Costa Martins, ou ainda a exposição de Almada Negreiros e Angelo de Sousa, organizada por José Pulido Valente

O catálogo de eventos culturais que a livraria divulgação organizava transformaram esse espaço num local central da vida cultural do Porto onde todas as formas de expressão estética tinham lugar, desde o cinema de António Reis, à pintura e poesia de Mário Cesariny.

Como é natural também os autores livros, ao fim a ao cabo o objecto principal da actividade da livraria seriam objecto relevante nos eventos que ocorriam nesse espaço de galeria.

José Augusto Seabra organizará, em 1963, uma exposição bibliográfica sobre Fernando Pessoa, com base numa pequena parte do espólio do Poeta, então inédita. Aliás essa exposição ficaria célebre pelo incidente com o conhecido advogado do Porto, Dr. Pedro Veiga, também editor "pirata" com o nome de "Petrus", onde divulgava jovens autores.

No convénio entre a livraria divulgação e a família de Fernando Pessoa, ficara estabelecido que não podia ser copiado o material exposto. Ora no primeiro dia da exposição os promotores deram com o conhecido advogado a copiar laboriosamente partes do "Livro do Desassossego" para um pequeno caderno de bolso. Não restou alternativa senão a expulsão da ilustre individualidade debaixo de

furiosos impropérios de “Petrus”, que não obstante acabaria por publicar uma edição pirata do livro.

A galeria a par com a organização da livraria facilmente se tornou um pólo central da actividade cultural da cidade. Não era só a rede de solidariedade e de identidade de princípios que juntava os seus frequentadores, como também a qualidade e empenho com os seus organizadores se dedicavam à concepção e execução das suas actividades.

Estes duas componentes indissociáveis da actividade da livraria criou fortes responsabilidades aos jovens divulgadores. Com a consolidação da sua actividade ampliava-se a sua influência e o seu prestígio junto do público. Enquanto centro cultural e de convívio e a conotação dos seus frequentadores com a “oposição democrática” tornava estes eventos, sobretudo quando eram autores mais próximos do “revivalho” cultural, campo de intensa actividade política. Aos olhos da polícia política a “livraria divulgação” era um antro de conspiradores e os seus membros alvo de apertada vigilância.

Uma outra importante actividade que a *Livraria Divulgação* organizava eram as sessões de autógrafos com autores. José Rodrigues Migueis, Ferreira de Castro, Aquilino Ribeiro, José Cardoso Pires, Virgílio Ferreira, Alves Redol, foram alguns escritores que reuniram centenas de pessoas na livraria. Não poucas vezes a afluência era que se fazia bicha até às porta do café Ceuta, meia centena de metros mais para baixo.

A escolha das data para estes eventos, por vezes também não era aleatória. Por exemplo, a escolha da data do 1º de Maio de 1963 para lançamento de uma exposição de ilustrações da obra completa de

Aquilino Ribeiro, iria juntar várias pessoas no centro da cidade, num dia em que a polícia política andava bastante preocupada com mais do que proibidas manifestações do dia do trabalhador.

Com habilidade e bom senso, os proprietários lá foram mantendo a actividade da livraria. A sua estratégia era mais a da ferroada ao regime do que o "enfrentamento" claro. Talvez por isso mesmo, o regime do Estado Novo não tenha conseguido encontrar razões para uma repressão mais activa. No entanto a Livraria era alvo de constantes visitas e apreensões de livros.

Numa dessas visitas Fernando Fernandes viria mais uma vez a ser detido pela PIDE, a propósito da existência na livraria dum postal de solidariedade com o revolucionário catalão Grimau. Sob o pretexto da falta da respectiva factura, o livreiro é levado para a delegação da polícia política, onde permaneceu algumas horas, na mesma sala onde anos antes tinha sido submetido à tortura da "estátua".

Talvez não fosse totalmente indiferente a esta situação o facto de durante estes anos, a livraria Leitura ser o representante em Portugal do "Fondo de Cultura Económica", importante editora do México, através da qual as mais importantes obras sobre desenvolvimento económico e não alinhamento era editadas.

Independentemente destes constrangimentos a actividade da *Livraria Divulgação* irá ampliar-se e marcará o panorama cultural durante dez anos, até ao seu encerramento em 1968. Durante todos estes anos Fernando Fernandes continuará a vender livros incluídos no "índice" da censura por debaixo do balcão aqueles que procuravam uma intervenção mais activa e a fazer os seus ficheiros de livros entrados e que meticulosamente transformavam em boletim bibliográfico.

O sucesso da actividade da livraria irá criar condições para a sua ampliação. Primeiro, na rua de Ceuta, com a ocupação da loja contínua, aumentando a área de vendas e atendimento ao público. Depois, com a abertura de duas "Divulgação" fora do Porto. Uma em Lisboa, em 1964, na rua D. Estefânia, dirigida por Fernandes Pernes e outra em Viana do Castelo.

A livraria "Divulgação" em Lisboa, tinha a mesma configuração da livraria mãe do Porto, com espaço de galeria. Para a sua abertura e acompanhamento durante o seu primeiro ano, Fernando Fernandes passa a viver em Lisboa. Quando regressa ao Porto, em 1965, deixa à frente da livraria Soares da Costa, hoje nas Edições 70, e que aí iniciou a sua carreira no mundo dos livros. Nesta livraria trabalhará ainda mais tarde Carlos Porto, que animará várias tertúlias em torno dos temas de teatro, e que marcaram uma geração de lisboetas.

O esforço de investimento nestas duas livrarias, bem como a crise económica que o país então atravessava, em grande parte devido ao esforço de manutenção dum guerra em três teatros operacionais, começou a criar vários problemas de ordem financeira. Fernando Fernandes, a braços com uma incomodativa hérnia discal, é submetido a uma delicada operação cirúrgica, afastando-se por alguns meses, quer dos campos de ténis, quer era assíduo frequentador, quer dos seus livros onde era a "alma mater" do negócio.

O esforço de saneamento financeiro da empresa Divulgação, com a sua transformação em sociedade anónima e a entrada de capital fresco é abortada com a entrada em funcionamento do Imposto de

Transacções (hoje substituído pelo IVA). Em face dos problemas irresolúveis decide-se os trespasse das várias lojas.

Os livros do Brasil de Jaime Castelo Branco ficará com o trespasse destas livraria, que, com excepção da casa na Avenida de Ceuta, mais tarde trespasará à Livraria Bertrand (em Viana do Castelo ainda assim é, enquanto que a de Lisboa, em meados dos anos 90 é trespasada para um Banco).

*(Mesmo aqui trago comigo os meus antigos e deliciosos fardos,
trago-os comigo, homens e mulheres, sempre comigo
para onde quer que eu vou,
juro que me é impossível desembaraçar-me deles,
todo eu vou cheio deles e, em troca, hei-de enchê-los de mim.)*

Recomposto dos seus problemas de coluna em 1968, Fernando Fernandes divorcia-se deixando todo o seu espólio. Prepara uma nova vida com um novo casamento, com a então jovem professora da Faculdade de Engenharia do Porto, e desde essa altura sua insubstituível companheira, mãe dos seus três filhos. Aluga uma casa na Rua de , ao pé da universidade que a partir daí será o seu refugio.

O regresso de Fernando Fernandes à vida activa de livreiro é feito neste período complexo e cheio de dificuldades. Enfrenta-os com coragem, determinação e frontalidade. Jaime Castelo Branco “devolve-lhe” o espaço da livraria, torna-se em seu sócio, agora sob um novo nome “Livraria Leitura” e uma nova sociedade. É a mesma livraria que ainda hoje está aberta ao publico na rua de Ceuta 88.

Embora com espaço mais reduzido, e sem o antigo espaço de galeria (ainda nos dias de hoje, esse espaço que fora da livraria Leitura, permanece ocupado por uma livraria dos “Livros do Brasil”) a Leitura

manterá as mesmas características da Divulgação. O Boletim bibliográfico continuará a ser meticulosamente elaborado por Fernando Fernandes, que continuará a ser a principal figura da livraria. A selecção criteriosa de um fundo, onde nessa altura desponta o livro francês, elo de ligação à então dominante cultura francófona da intelectualidade académica portuense, será ainda a marca da identidade desta nova livraria que dá continuidade às actividades livreira do insigne livreiro.

E Fernando Fernandes regressa ao seu quotidiano na cidade do Porto. Jogador de Ténis inveterado, exímio jogador de bilhar às três tabelas no Café Ceuta e sempre, sempre a sua livraria e os seus livros.

O desafio deste seu amigo Carvalho Branco autonomiza a actividade de Fernando Fernandes. Recuperada a Livraria da tutela da Bertrand, a livraria Leitura continuará a ser a referencia da elite intelectual do Porto. Marca de referencia duma cidade que continua a crescer com base no Douro. A norte alarga-se para Matosinhos onde o Porto de Leixões se liga, através da então florescente actividade marítima com as Africas e com as Américas. A Sul, alarga-se até Aveiro. Cada vez mais gente, cada vez mais leitores.

O mercado de leitores modifica-se com mais novos e exigentes leitores. Sem espaço para as Artes, Fernando Fernandes e a sua *Leitura*, num primeiro momento, reforçam a sua vocação de livraria de fundo e especializada no livro estrangeiro. Particular atenção é dada ao livro Francês. O livro inglês e espanhol também vai aparecendo. A escolha dos livros, sempre a cargo do livreiro, continua a ser marcada pela forte componente de Ciências Humanas e Linguística. A Poesia e o teatro são géneros sempre com bastante visibilidade.

Nos trinta anos seguintes a Livraria Leitura, nome que Fernando Fernandes não aprecia particularmente, marcará de novo a vida cultural da cidade a par de outras conceituadas livrarias como foi o caso da Lello e da Latina (a primeira recentemente revitalizada e a última entretanto já encerrada). Também neste período a Leitura saltará das suas portas, estabelecendo filiais noutros pontos da cidade, o que acontecerá após a emergência da Liberdade.

Em 25 de Abril de 1974 a reconquista das liberdades fundamentais da população portuguesa, bandeira de luta de toda a geração de Fernando Fernandes, trás profundas marcas à vida cultural do Porto. A explosão das actividades cívicas e o empenhamento nos acontecimentos culturais sucede-se a um ritmo alucinante.

Fernando Fernandes já não tem que esconder livros debaixo do balcão. O comércio livreiro é livre de tudo vender. O Sr. Livreiro continuará fiel aos seus princípios O empenho na divulgação do livro e da leitura, agora ajustado aos novos tempos que despontam.

De 1 a 15 de Outubro de 1974 a livraria Leitura promove a "Quinzena do Livro Marxista e do livro de esquerda português". com uma capa vermelha, que entretanto o tempo acabaria por descolorir, agrupados em 9 categorias, distribuídas por 52 páginas apresentavam-se cerca de 1000 títulos em português, espanhol francês e ainda edições brasileiras.

Na sua introdução, a gerência da Leitura adverte que não é um catalogo exaustivo. Muitos livros haveria que recensear e a Livraria tinha-se apenas preocupado em " ordenar de uma forma mais

sistemática e com melhores condições de consulta e de exposição, todos os livros que de momento tínhamos em stock".

Espelhando de forma exemplar a explosão editorial dos livros sobre o governo da "pólis", os cerca de 400 autores espelham bem da riqueza e diversidade deste tipo de edições nessa época e ilustram o surto de procura que o mercado então sofreu.

Na primeira secção, "os clássicos do Marxismo, incorpora as edições de Marx, Engels, Lênine, Trotsky, Estaline e Mao. Por essa ordem, com o primeiro juntamente com o pai da então ainda pátria do socialismo- Lenine, a capitalizaram o maior numero de entradas. Sintomático deste surto e do rápido ajustamento do mercado de então, é à obra de referencia da esquerda, - *Das Kapital* de Karl Marx apenas estar disponível em edição brasileira. Não tinha havido ainda tempo para efectuar uma tradução cuidada dessa obra.

A primeira secção, de "Política" é a secção mais densa do catálogo, ocupando 23 % do espaço do catálogo. O peso da secção é no entanto afectado pela repetição dos cinco clássicos atrás assinalados. Nela encontramos ainda autores que na época eram leitura indispensáveis aos "operários da democracia". Salvador Allende, Simone de Bouvoir, Boukarine, Amilcar Cabral, Santiago Carrillo, Fidel Castro, Che Guevara, Nöam Chomsky, Alvaro Cunhal, Debray, Celso Furtado, Garaudi, Gramsci, Hoxha, Rosa Luxemburgo, Raul Proença, Raul Rego, Poulantzas, Satre, Joel Serrão e Mário Soares. Sem se ser exaustivo, são nomes que embora alguns estejam hoje enterrados na poeira das bibliotecas e dos alfarrabista, à época eram alvo de culto bibliófilo.

A secção seguinte era sobre "Sociologia", também com cerca de 20 % das entradas. A sociologia era então uma ciência em afirmação no nosso país nestes longínquos anos, e a situação política e social dava um forte impulso ao consumo deste tipo de livros. De resto a fronteira entre as duas secções mais representadas não era ainda muito clara, com autores a estarem representados em ambas.

Nesta secção encontravam-se nomes que marcariam as problemáticas do que viria a ser conhecido como a "sociologia do desenvolvimento", com autores como Chomsky, Josué de Castro, Frantz Fanon entre outros, misturados com alguns outros livros de reflexão e intervenção política mais imediata ou de carácter histórico, como eram autores então cultivados pelos homens de esquerda. Era o caso de Joel Serrão, Vitorino Magalhães Godinho, Wilhelm Reich, César de Oliveira, Poulantzas, António Sérgio ou Alexandre Vieira

A secção de "Filosofia - Religião", mais modesta no espaço com os seus 5 % apresentava uma gama variada de autores, de Althusser, Lucien Goldmann, Lefebvre, Marcuse, Pulitzer, Delfim Santos e Satre. De religião, propriamente dita, poucas eram as entradas já que o tema, à época pouco interesse despertava entre os homens que cultivavam as letras revolucionárias.

A secção de História - Memórias - Biografia, também com 5% do espaço apresentava alguns autores clássicos e alguns dos representantes das novas correntes da história. Alexandre Cabral, Aramando de Castro, E.H. Carr, Gordon Child, Borges Coelho, Oliveira Marques, Magalhães Godinho, Jonh Reed, Victor de Sá, Joel Serrão, António Sérgio, António José Saraiva, Flausino Torres, entre outros marcavam este núcleo temático. alguns textos eram anteriores à revolução de 74 que por obvias razões, na maioria dos casos, tinham

ficado arredados dos escaparates, saltavam agora para as montras das livrarias como novas propostas.

Em quinto lugar surgia a Economia, ainda longe da dominância que haveria de ter nos tempos posteriores, também com cerca de 5 % do espaço de catalogo. Eram sobretudo os textos de economia política e economia do desenvolvimento, com autores como Bettelheim, Armando de Castro, Blasco Hugo Fernandes, Ernest Mandel, Mário Murteira, Avelãs Nunes, Pereira de Moura ou Sérgio Ribeiro.

Nos restantes 5 % do espaço agrupavam-se as restantes 4 secções. "Direito", "Educação e Ensino" e "Arquitectura e Urbanismo" , todas com 1 pagina; e a secção de "Ensaio e Crítica Literária" com 3 páginas. Nesta ultima muito ligada às questões da política e da luta de classes, surgem nomes como Luís de Albuquerque, Joaquim Barradas de Carvalho, Bento de Jesus Caraça, Umberto Eco, Oscar Lopes, João Medina, Lukács, Edgar Morin , Arnaldo Saraiva, Urbano Tavares Rodrigues.

No âmbito do "Direito" pouca é a produção nacional, com alguns textos de Raul de Castro e José Magalhães Godinho, essencialmente sobre as questões de denuncia do antigo regime e o papel do direito na democracia. Na Educação sobressaem os textos de Rogério Fernandes, Rui Grácio e Sedas Nunes. Era uma reflexão ainda incipiente no nosso país, que desde os tempos da republica tinha ficado muito confinada as actividades ao célebre "grupo da Gulbenkian". Os tempos eram todavia de mudança e em breve a edição destes temas cresceria.

Finalmente a "Arquitectura e Urbanismo", apenas com uns modestos 12 títulos era o parente pobre dos livros de esquerda. Um livro de

Keil do Amaral sobre a transformação de Lisboa, Sérgio Ribeiro sobre a candente questão da habitação, e Mário Gavira, que se interroga sobre *construir para quê ?* são os representantes da literatura nacional, dum tema que também mais tarde será tema importante na história da actividade da livraria.

Em Novembro de 1974, mercê das novas condições de divulgação do livro, Fernando Fernandes Iniciará a Nova Série do seu boletim de novidades bibliográficas que com maior ou menor regularidade prosseguirá até à actualidade. No n.º 1 desta série manter-se-á a organização por secções, agora com 15 entradas, das quais a Política e Sociologia, mais uma vez manterá a maior porção de espaço com cerca de 25 % do numero de entradas. No final do folheto surge ainda uma divulgação das edições da Brasília Editora, cuja actividade se mantinha na rua José Falcão, 173 , com 10 novidades lançadas no mercado no mês de Outubro.

A política de selecção de edições temáticas prosseguirá durante os anos seguintes. No ano seguinte, em novembro de 1976, a Livraria Leitura apresenta um "Catálogo de Literatura Infantil e Juvenil de Autores Portugueses". Em forma de folheto desdobrável as 12 páginas contém uma selecção de cerca de 300 títulos onde estão presentes a maioria dos autores deste tipo de público.

Na frente do folheto um desenho de dois elefantes a flutuarem sobre um arco-íris (com um desenho de Armando Alves), e um poema de Fernando Pessoa "Grande é a poesia, a bondade e as danças ... mas o melhor do mundo são as crianças ...". Um ano depois, em Novembro de 1977 esta catálogo será actualizado com mais 100 novos títulos, que reflecte o crescimento da edição e da procura deste tipo de leitura destinada aos mais novos, sem dúvida reflexos duma

época em que as questões da literacia se assumiam cada vez mais como uma desfiio decisivo para o progresso da país.

Mas outras áreas de interesse bibliográfico concentram igualmente a atenção da actividade livreira de Fernando Fernandes. Em Fevereiro de 1978, um boletim bibliográfico divulga "Livros em existência do fundo editorial do Dr. Pedro Veiga". Constituído por 77 títulos de autores de referência da cultura portuguesa, com preços que se situavam entre os 10 e os 600 escudos da antiga moeda portuguesa, e que reflectiam a impressionante actividade editorial, nem sempre de acordo com as normas legais, deste ilustre jurisconsulto da cidade Invicta. Fernando Fernandes demonstra mais uma vez, que o que o motiva neste negócio, não são os aspectos formais, mas sim a divulgação da cultura como instrumento de criação intelectual.

Em 1978, no mês de Junho, Fernando Fernandes lança um "Catálogo de Livros de Educação e Comunicação Visual", organizado em colaboração com a Professora Elvira Leite. A arte, começa a ganhar um importante espaço na actividade do livreiro e caracterizará a sua actividade nos anos seguintes. O Catálogo é organizado em 9 categorias e contém 423 títulos. A secção mais representada é a de "Trabalhos manuais e oficinais" com 39 % das entradas, seguido de "Estética e Teoria da Arte", com 22 %. A "educação artística" representa 13 % dos volumes apresentados, com as restantes categorias (expressão e comunicação visual, banda desenhada, arte e design, desenho, teoria da cor e museologia) a apresentarem valores menores que 10 %.

Apesar da grande variedade temática deste catálogo, com abundantes títulos em língua estrangeiros (sobretudo francês e alguns em inglês) com temas tão distintos como por exemplo Banda

Desenhada a par da teoria da Arte e das colecções de trabalhos manuais, assinala-se a não só a novidade deste tipo de iniciativa à época, como também o grandes esforço de importação de títulos efectuados para esta iniciativa, que colocou à disposição do publico portuense uma gama variada de publicações, com preços que se situavam na maioria dos casos entre os 100 e 1.000 escudos. há época um investimento considerável para um bem como o livro.

A importação de livros estrangeiros, com já acima se afirmou, era uma importante actividade do livreiro Fernando Fernandes. Mas era uma actividade que tinha os seus riscos, já que a importação de tão grandes quantidades de títulos obrigava a um elevado esforço financeiro por parte da Livraria Leitura. Mas perante um mercado editorial português ainda incipiente, com uma evidente fragilidade na capacidade das editoras em disponibilizarem obras de referencia da cultura universal, esse foi sem dúvida um esforço meritório por parte dum homem que sempre colocou a cultura como prioridade, não hesitando trilhar os caminhos mais difíceis para alcançar nobres objectivos sempre atento às necessidades dos leitores.

Um exemplo desta actividade, que hoje talvez se pudesse classificar como uma actividade de mecenas, é a disponibilidade dum catalogo de obras de Marguerite Yourcenar. A primeira mulher a ser eleita para a Academia Francesa (em 1978), tinha, em Janeiro de 1981 apenas duas das suas obras disponíveis em tradução portuguesa. O suplemento do boletim bibliográfico n.º 3² inclui mais 20 obras da iminente escritora da língua de Rabelais. Sem dúvida uma importante disponibilidade para os amantes desta escritora, sem a incómoda necessidade de se deslocarem à cosmopolita Paris em demanda das

² Em Novembro de 1980 a Livraria Leitura inicia uma nova série do seu boletim bibliográfico, mantendo o formato (110* 220 mm), inserindo um litografia.

já então célebres livrarias FNAC que apenas 20 anos depois chegariam ao nosso país.

Homem cosmopolita, amigo das artes e das letras, Fernando Fernandes continua a sua febril actividade de livreiro. A sua intuição e o seu conhecimento do mercado são importantes ferramentas de trabalho. No início dos anos oitenta a vida editorial modificava-se a ritmo acelerado. Ultrapassada a euforia revolucionária o país prepara-se para o mercado único europeu. A instabilidade da economia e a acentuada inflação reduzem o poder de compra dos portugueses.

Como em todas as crises, há áreas, ou melhor segmentos de mercado que se mantêm com forte capacidade de expansão. Fernando Fernandes intuía que o mercado da arte era uma nova oportunidade.

Fernando Fernandes é livreiro e gosta de desfrutar das coisas boas da vida. Já vimos acima, que o seu tempo de lazer era aproveitado num sem numero de actividades, desde o ténis às tertúlias culturais. Os momentos das férias de verão eram todavia sagrados para a família, que aproveitava ao máximo os tempos de lazer para conhecer o mundo, seja no seu país natal, seja noutros locais .

Nesse idos tempos, a Europa trans-pirinaica era ainda para os portugueses um mundo distante. Para uns terra de oportunidades que escasseavam no terrunho natal. Para outros, poucos, terra de deslumbramento e de cultura. Fernando Fernandes pertence a esta última categoria, e desse modo, não dispensavam uma boa viagem, na maioria das vezes no seu carro particular, na companhia de sua mulher e, em alguns casos, dos seus amigos mais íntimos.

Numa dessa viagens, de passagem por Paris, Fernando Fernandes visita o Centro Georges Pompidou. Impressionado com a sua actividade decide organizar em Portugal uma exposição sobre esse centro cultural da francofonia. Fala com o director do centro e segue-se uma intensa troca de correspondência. Decide-se então fazer uma exposição no Porto e depois leva-la a Lisboa.

A procura dum espaço na capital não foi fácil. Depois da recusa da galeria do Diário de Notícias, é um Fernando Fernandes apreensivo que deambula pela Avenida de Liberdade a pensar em espaços alternativos. Ao passar na rua Barata Salgueiro ocorre-lhe a Sociedade Nacional de Belas Artes. em passo estugado dirige-se à centenária sociedade, onde, no átrio encontra o então Vice-Presidente Rui Mário Gonçalves. Aí a ideia é acolhida com entusiasmo e Fernando Fernandes encontrara o seu espaço na capital.

Reúne apoios da embaixada francesa e em conjunto com a cooperativa A Árvore, no Porto, organiza a exposição "O Centro Georges Pompidou: a sua actividade editorial, artística e cultural" . A exposição abre no Porto a 26 de Março de 1982, e encerrará a 11 de Abril. O director do Centro vêm a Portugal expressamente para a inauguração do evento. durante essa quinzena são realizadas conferências sobre arte, efectuam-se visitas guiadas à exposição e projectam vários filmes sobra a actividade do centro. É ainda assegurada uma venda de livros, gravuras, postais, cartazes e fotografias editadas pelo Centro Pompidou.

Aqueles que nunca tinham tido a possibilidade de visitar o "Beauburg" de Paris ficaram deslumbrados com o evento, que, no mês seguinte será apresentada na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa.

No ano seguinte, Fernando Fernandes e a Livraria Leitura promovem também na SNBA, em Lisboa (entre 15 e 30 de Abril) e na Cooperativa A Árvore, no Porto (entre 6 e 18 de Maio) duas exposições que marcam de forma expressiva a sua actividade de livreiro e homem de cultura. A "exposição/feira" sobre **O Livro de Arquitectura no Mundo** e a **Exposição Onze Arquitectos do Porto- Obras Recentes**.

No primeiro caso reúne uma impressionante mostra de livros sobre arquitectura das principais editoras mundiais. Doze países, incluindo Portugal estão representados, num total de cerca de 560 títulos das mais prestigiadas editoras do mundo. Da Alemanha apresentam obras duma editora, a Karl Kramer Verlag, da Bélgica os Archives D'Architecture Moderne; do Brasil a Martins Fontes Editora; de Espanha a Editorial GG - Gustavo Gil; dos EUA Da Capo Press, Greenwood Press, a Mcgraw-Hill, Negro Universities Press, Yale University Press; da Finlândia a editora Kustantaja; de França a Berger-Levrault, o Centre Georges Pompidou, Castermann, Édition Charles Massim, as Éditions du Moniteur, Éditions du Seuil, e Les Éditions de Minuit, de Inglaterra The Architectural Association; de Itália o Grupo Editoriale Electa; do Japão a A. D. A. Edita Tokyo Co. ; De Portugal estão representadas a cosmos, as Edições 70, a Editorial Presença, as Publicações Europa-América; e da antiga União Soviética, a Aurora Art Publishers. Uma impressionante mostra de títulos para todos os gostos estéticos e para todo o tipo de bolsas.

Igualmente marcante neste evento, e com ocorrência em simultâneo nos mesmos espaços é a **Exposição dos Onze arquitectos do Porto**. Note-se que nestes idos anos de 1983 ainda não se falava da hoje muito conceituada "escola [de arquitectura] do Porto". No catálogo então editado referia-se: "A iniciativa de uma exposição de

arquitectura representando alguns architectos do Porto partiu da Livraria Leitura e da Cooperativa A Árvore, como pretexto para o debate cultural, por um lado, e para a divulgação bibliográfica especializada, por outro, não assumindo à partida contornos definidos quanto a participantes, critérios de organização, etc.". Dos onze architectos expõem-se 33 painéis, com esboços e desenhos de obras significativas. A organização da exposição foi uma proposta didáctica sobre o mundo da arquitectura. O prefácio do catálogo é feito, a convite dos organizadores por Nuno Portas.

No prefacio Nuno Portas lança um conjunto de hipótese sobre o que une essas architectos e o que significa a exposição, enquanto mostra do estado da arte na região Norte e termina com a seguinte reflexão: *"se estas hipótese caracterizam este "reduto" da cultura architectónica do Porto, não deixa de ser interessante verificar que para além da ruptura estilística, pelo menos aparente, com o mundo degradado da construção envolvente, existem certamente outras razões mais profundas que ligam os seus projectos à dimensão Norte. Norte que entendemos como território fragmentado, tecido de intervenções miúdas mas concretas, que podem ser bem relacionadas com a morfologia construída ao longo da história, ela própria sedimentação de sucessivas aculturações de linguagens vindas de fora."*³

Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Álvaro Siza, Domingos Tavares, Eduardo souto Moura, Fernando Távora, Jorge Gigante, José Pulido Valente, Nuno Ribeiro Lopes, Pedro Ramalho e Rolando Torgo vem assim as suas obras expostas e acessíveis aos fruidores das belas artes, numa arrojada iniciativa do Livreiro do Porto. Note-se que,

³ Nuno Portas, Catálogo da Exposição de Arquitectura Onze Architectos do Porto : Imagens Recentes, pagina 5

para além da novidade da projecção duma escola, a precocidade de apresentação dum tema numa exposição - a arquitectura, que tradicionalmente tão avessa é à apresentação pública dos seus trabalhos, contribuiu para uma aproximação e reconhecimento da valia da nobre arte dos antigos "pedreiros". Fernando Fernandes torna-se também aqui inovador na divulgação de temas de exposições.

A vida literária do Porto desenvolve-se cada vez mais rápida. A explosão do consumo e a reorganização do mercado livreiro leva a uma especialização cada vez maior de Fernando Fernandes. Em 1979, com 45 anos de vida o Livreiro inicia mais uma iniciativa inovadora. A Abertura da Leitura-Arte no Centro Comercial Atlântico, Loja 7, na rua José Falcão no Porto. A Leitura-Arte é uma livraria temática, especializada em livros de arte e arquitectura, localizada ao lado duma "Galeria Atlântico". A estratégia é aumentar o potencial de atracção da livraria mercê da criação de sinergias com as galerias de arte, e assim potenciar o acesso ao livro de qualidade sobre arte.

Essa estratégia de Fernando Fernandes conduzirá a expansão da rede de livrarias "Leitura". Em 1987 na Fundação de Serralves Fernando Fernandes será o concessionário da Livraria de Arte aí instalada. A Livraria de Arte da Casa Serralves será um espaço cultural, onde estão presentes os livros de arquitectura, de fotografia, de moda, bem como outras artes representativas. A leitura aí permanecerá até 2001, altura em que termina a concessão. no seu lugar está hoje a "loja do museu".

No seguimento desta mesma estratégia, em 1989 a 29 de Setembro, a Leitura Arte abrirá na Galeria Nasoni, na rua Columbano Bordalo Pinheiro, 9-B, em Lisboa, mais uma filial. O crescimento da actividade

livreira permitirá, em Dezembro de 1994 a ampliação da própria casa-mãe, com projecto do Arquitecto Pedro Ramalho.

No edifício contínuo vagara um espaço comercial, o que permitiu à "Leitura" ampliar a sua área de exposição. A livraria, que atingirá a sua actual configuração, passará a ter uma outra entrada pela rua José Falcão. no primeiro andar será instalada a parte da Leitura-Arte, libertando a loja do Centro Comercial Atlântico que então encerra. Na inauguração deste novo espaço, ao 6 de Dezembro estavam presentes os "velhos amigos" da casa, que tiveram a prazer do ver o reconhecimento institucional da edilidade portuense ao trabalho de Fernando Fernandes através da presença do presidente da Câmara Municipal e da sua vereadora da cultura.

Desactivada a Livraria Leitura-Arte da Fundação de Serralves, o livreiro não desarma. O espólio e o mobiliário transferem-se para as instalações da Cooperativa a Árvore. aí prosseguirá com brilhantismo a sua actividade de divulgador dos temas de belas-artes, com um rico espólio de livros temáticos, o que mais uma vez torna a visita a esta livraria e este espaço cultural uma questão incontornável ao amante das artes.

Tanta e tão febril actividade tornou Fernando Fernandes uma figura prestigiada no meio bibliográfico de na produção de exposições. Desse modo, o seu nome e o da sua livraria surge associado a vários eventos. Por exemplo, em 1988 o seu nome surge como Comissário para o Livro de Arte, no âmbito do Primeiro Fórum de Arte contemporânea, que se realizou em Lisboa no fórum Picoas.

Em inúmeras actividades de venda de livros a Livraria Leitura de Fernando Fernandes é solicitada. As câmaras municipais e as suas

semanas culturais procuram amiúde o livreiro. No Porto 2001 a Livraria Leitura foi várias vezes solicitada para participar em eventos bibliográficos especializados.

O seu boletim bibliográfico continuará a ser editado com uma periodicidade mensal, com todos os novos títulos entrados na livraria e suas filiais. Fernando Fernandes conta hoje com funcionários a apoiar-lo, e com o indispensável auxílio das novas tecnologias. A diferença em relação ao passado é que cada vez mais é mais elevado o número de livros que entram na livraria.

Fernando Fernandes é um homem minucioso no seu trabalho. Atento ao detalhe e minucioso na análise, não tem todavia paciência para redundâncias. Há duas coisas que não gosta de fazer: Cortar o cabelo e encher o depósito do seu carro de gasolina. Por isso a sua adesão às coisas em que se envolve deriva fundamentalmente da percepção de utilidade que atribui para os outros e da sua própria satisfação pessoal em prestar um serviço.

Empenhado nas questões da sua classe profissional é sócio da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, do qual, aliás chegou a fazer parte da direcção. Em 1988, porém, saiu. Queixava-se que não o convocavam para as reuniões. "Talvez por ser do Porto, achavam que não iria a Lisboa", afirma com alguma ironia. "Além disso, nessa altura o *Grémio* era dominado pelos editores".

Também sobre a feira do livro, não poupa comentários acintosos aos actuais promotores. "Há alguns anos atrás, a representação dos editores de fora do Porto era assegurada pelos livreiros do Porto. Agora convidam os editores a estar presentes na feira o que faz com que os livreiros não tenham grande interesse em estar presentes na

feira. as despesas não compensam, na maioria dos casos as receitas."

Se o seu compromisso no passado fora o livre acesso à cultura, depois de 74 o seu compromisso volta-se para a divulgação da Arte. Não só porque era naturalmente um mercado de oportunidade e com elevada rentabilidade, mas também porque aí tem oportunidade de trabalhar com o melhor do que se imprime. Fernando Fernandes é um homem de cultura que cultiva o belo enquanto expressão da plenitude criadora da humanidade, ao fim ao cabo a plena afirmação da sua liberdade. Amante dos livros, procura neles o seu veículo privilegiado de comunicação.

Em 1997, descontente com o rumo que estava a ser seguido pelo mercado livreiro, com a emergência de novos espaços comerciais, onde nem sempre o livro é tratado com a devida deferência, cansado pelos problemas de saúde com a sua coluna, que o inveterado jogador de ténis não poupou, Fernando Fernandes anuncia a sua próxima reforma. A notícia cai no meio como uma bomba. Os amigos multiplicam-se em homenagens. Na imprensa de todo o país publicam-se notas laudatórias testemunhando a importância da sua actividade como livreiro.

ainda nesse ano o Presidente de Republica concede-lhe da pública homenagem nos Paços do Concelho, pelo mérito cultural na divulgação do livro e da leitura. Nesse dia Fernando Fernandes é impedido, por razões protocolares, de ler o discurso que preparara. No final, de condecoração ao peito, Fernando Fernandes e a comitiva presidencial ruma dos Paços do concelho para a rua de Ceuta.

Será aí no meio dos seus livros, no seu território de eleição que Fernando Fernandes, depois de agradecer aos que lhe são mais próximos dirá: *"Este acto em que estamos a participar é bem a prova de que o trabalho dos livreiros é acompanhado e acarinhado por todos aqueles que ainda acreditam na perenidade do livro e na sua capacidade de gerar beleza e de ajudar a criar um mundo melhor."*

Senhor Presidente da Republica, senhor Presidente da Câmara. Permitam-me em nome dos livreiros portugueses lhes agradeça a distinção que através da minha pessoa resolveram atribui-lhes" Na hora da despedida, modestamente, Fernandes reafirma o compromisso duma geração.

Esta adeus protocolar não é todavia o adeus definitivo de Fernandes. Em 1998 passará finalmente à situação de reforma. Vende as suas quotas na Leitura ao seu amigo Castelo Branco, mas não se afastará da actividade. Continua a frequentar a livraria, a orientar os mais jovens e a conversar com os vários clientes que o continuam a procurar.

Quem tão profundamente está impregnado do livro jamais o abandona. Olhos cansados que já não lêem como antigamente e o físico a pedir descanso não impedem todavia a riqueza e o prazer da tertúlia, ou a assistência a um bom concerto. O Porto de 2001 proporcionou-lhe bons momentos de cultura. nos dias de hoje Fernando Fernandes é um Homem feliz. Sabe que o seu tempo de iniciativas já passou e que agora é o tempo dos mais novos.

Mas o seu conhecimento continua a ser precioso. A sua presença na livraria faz com o espaço ganhe alma. Muitos dos actuais livreiros do porto iniciaram a sua actividade profissional nessa livraria. Quando

partiram para novos projectos, eram filhos de Fernando Fernandes que projectavam na cidade novos espaços de livros. Mas a sua serenidade não impede que continue a expressar preocupações e dúvidas sobre o futuro do livro e das livrarias.

Com as livrarias de fundo cada vez mais assediadas pela voragem do mercado editorial, que num ritmo alucinante debitam novas edições, e com a pressão das grandes superfícies comerciais que retiram importantes percentagens das vendas, o livreiro interroga-se sobre o futuro.

Em Outubro de 2000, o livreiro Fernando Fernandes participa, em Santiago de Compostela, no congresso "Literatura Galega e do Norte de Portugal". Aí fez uma intervenção sobre ***Da Livraria. Do livreiro***⁴ onde reflecte a sua experiência de quase meio século da actividade profissional. Nele exprime, mais uma vez a seu fascínio pela profissão que tão garbosamente exerceu e, com base na sua experiência reflecte sobre a problemática das novas tecnologias e a actividade das livrarias do futuro.

Na sua opinião as livrarias "tradicionais", a que prefere chamar de fundo, " querendo dizer com isto que se trata duma livraria que vai construindo ao longo do tempo um amplo stock de livros que possam servir os interesses culturais da comunidade, continuará a ter, mesmo num futuro mias distante, o seu papel próprio que nos parece ser insubstituível." E prossegue " é nas livrarias que o público, desde o simples leitor ao estudioso mias erudito encontra um fundo importante de obras, uma informação bibliográfica **capaz e pessoas**

• ⁴ "Da Livraria. Do Livreiro" in Congreso Literatura Galega e do Norte de Portugal, 2001, Xunta de Galicia: Conselleria de cultura, Comunicación Social e turismo, pp. 191-197

que o poderão orientar nas dificuldades de busca de determinada obra ou tema" (nosso sublinhado).

Num país com uma frágil rede de bibliotecas públicas, com espólios pouco desenvolvidos e com políticas de empréstimo pouco versáteis, não poderá naturalmente dispensar a actividade dos livreiros. Por isso, segundo Fernando Fernandes, "é urgente considerar o futuro do livro e da leitura a partir da Livraria". que segundo ela são "Verdadeiros lugares de vida e trocas (...) reais pontos de efervescência cultural susceptível de promover os encontros e os debates em torno do livro.

Com estas reflexões o livreiro lança um importante desafio às editoras e às actuais livrarias. às editoras que voltem a centrar a sua política de lançamentos nas casas do livro: as livraria. E às livraria, que recriem os espaços necessários para estas solicitações, preparem profissionais competentes, explorem públicos específicos, se abram à comunidade atraindo visitas escolares, apoiando os clubes de leitura e as feiras do livro nas escolas. Enfim, nas suas palavras transparece um projecto de actividade, que sem dúvida, verdes fossem os seus anos não hesitaria em se aventurar.

Como corolário de toda essa actividade, está naturalmente a figura central do livreiro. Também ele, segundo Fernando Fernandes, terá que se adaptar aos novos tempos. "O bom livreiro tem que ter uma boa visão comercial mas, igualmente, uma ampla visão cultural. e manter um bom equilíbrio entre ambos". O livreiro, "o bom livreiro tem de acompanhar e participar na vida da comunidade, ser um elemento dinamizador da sua vida cultural e ter uma consciência muito profunda de que livraria tem que ser encarada como um serviço público, a que se tem que dar a máxima atenção e esforço".

Para Fernando Fernandes o livreiro não pode limitar-se a ficar atrás do balcão a receber as novidades dos editores, a expô-las e a devolvê-las ao fim no fim do prazo de consignação. O livreiro tem que lidar com pessoas, tem que desenvolver o seu conhecimento sobre a psicologia dos seus clientes, sobre os seus interesses e motivações. É com base no seu conhecimento da influência da sua livraria que ele tem que fazer o seu stock. A livraria torna-se assim o espelho do livreiro, o rosto da sua paixão pelos livros e a gestão seu stock como o elemento que lhe permite realizar a sua missão e diferenciar a sua livraria.

Gerir bem o stock da livraria é, para Fernando Fernandes, uma arte que deve ser praticada com perícia porque ela marca a identidade do sítio. É ela que permite oferecer a mais ampla escolha e satisfazer as necessidades do público. Mais do que isso, fazer da livraria uma necessidade para o seu público e com isso tornar-se indispensável para a criação cultural num qualquer local.

Fernando Fernandes é hoje um homem sereno, um homem que tem consciência do caminho percorrido e de ter sido fiel aos seus compromissos. Compromissos que são os sonhos de uma geração. Uma geração, que como todas as gerações são fruto do seu tempo transportando consigo uma imensa carga de sonhos e aspirações que vão, com esforço e dedicação tornando realidade.

Lentamente a sociedade vai-se modificando. Os sonhos duma geração evoluem e transformam-se. Fernando Fernandes soube sempre evoluir e transmitir o que melhor tinha aos mais novos. conheceu e praticou os valores duma escola de vida vivida na *Respublica*, uma escola onde ainda os mais novos aprendem com os

mais velhos a seguir um caminho de cabeça levantada e em liberdade, a evitar os escolhos e as agruras da vida, ao mesmo tempo que vão aprendendo a responder aos novos desafios recriando novas formas de intervenção desse objecto mágico que é o livro..

Quando há pouco tempo lhe perguntaram qual era o poema que havia marcado a sua vida, escolheu "Pela Estrada Fora" de Walt Whitman que havia lido na juventude e que lhe marcou um caminho. *"Tu estrada por onde entro e como o olhar creio que não é tudo o que há por aqui. Creio que também há muito de invisível"* . A sua vida é o exemplo de como a leitura pode tornar-se indispensável ao homem.